

IV Seminário Setembro Amarelo

Da Luto 
à Luta 

20 a 24 de Setembro



Organizadores:

Isis Ribeiro Martins

Marcos Alexandre Teixeira

Gláucia Cristiani Montoro

Anais – IV Seminário Setembro Amarelo

Do Luto à Luta

1ª Edição

(20 a 24 de setembro de 2021)

Evento promovido pela:

PROAES - Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis

GT FACES - Fórum de Ações Coletivas em Saúde Integral

FIU – Movimento Felicidade Interna UFF

SPA – Serviço de Psicologia Aplicada

Evento On-line

Niterói – RJ

AGRAH Consultoria

2021

Código do ISBN
978-65-992913-3-3

Ficha elaborada pela Biblioteca da Escola de Engenharia e Instituto de Computação da UFF

S471 Seminário Setembro Amarelo : do luto à luta (4. : 2021: Niterói, RJ)

Anais... / 4º Seminário Setembro Amarelo : do luto à luta, Niterói, RJ, 20 a 24 de setembro de 2021 ; organizadores: Isis Ribeiro Martins, Marcos Alexandre Teixeira, Gláucia Cristiani Montoro. – Niterói : AGRAH, 2021.

45 p.

Evento on-line.

1. Saúde mental. 2. Medicina preventiva. 3. Pandemia. 4. COVID-19 (Doença). 5. Suicídio (Psicologia). I. Martins, Isis Ribeiro, org. II. Teixeira, Marcos Alexandre, org. III. Montoro, Gláucia Cristiani, org. IV. Título.

CDD 362.20981

Bibliotecária responsável: Ana Cláudia de O. Cunha CRB-7/4274

IV Seminário Setembro Amarelo

Do Luto à Luta - 2021

Coordenadora do Evento

Rachel de Carvalho de Rezende

Comissão Organizadora

Rachel de Carvalho de Rezende (Presidente)

Alan Teixeira Lima

Bernardo Rafael Blanche

Danieli Machado Bezerra

Gláucia Cristiani Montoro

Helena De Souza Pereira

Isis Ribeiro Martins

Marcos Alexandre Teixeira

Natânia Candeira Dos Santos

Thayna De Oliveira Moreira Rodrigues

Comitê Científico do IV Seminário Setembro Amarelo UFF 2021

Isis Ribeiro Martins (Presidente)

Marcos Alexandre Teixeira (Vice-presidente)

Alan Teixeira Lima

Bernardo Rafael Blanche

Danieli Machado Bezerra

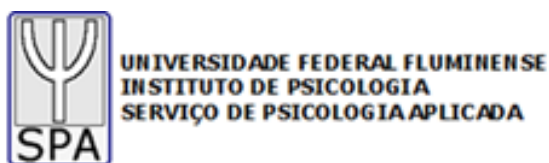
Gláucia Cristiani Montoro

Lucas Tavares Honorato

Rachel de Carvalho de Rezende

Agradecimentos

A comissão organizadora do IV Seminário Setembro Amarelo – Do Luto à Luta (edição 2021) agradece a todos que tornaram possível o acontecimento deste evento. Às pessoas que se dispuseram a colaborar, aos palestrantes e a todas as entidades que se comprometeram com a plena realização do evento.



Sumário

Introdução	6
Isolamento e suas diversas proporções na pandemia.....	8
A vulnerabilidade emocional das profissionais de saúde que estão na linha de frente no enfrentamento à pandemia de Covid -19	9
Cuidando de quem cuida: a experiência com profissionais de saúde do trabalhador do SIASS-RJ na pandemia de Covid-19	12
O valor da vida: promoção de saúde no contexto da pandemia.....	16
A educação infantil no contexto pandêmico: desvelando o sentido da vida em meio dos desafios .	17
Educação física escolar em imagem: um chamado à promoção da saúde na pandemia de Covid-19	20
Morte, Vida e a Clínica	24
O luto e seus processos, no recorte temporal da pandemia	27
Breves desdobramentos sobre a experiência intersubjetiva da finitude hoje	28
Dançar a morte para lidar com a vida: o luto e a finitude da vida na formação profissional em saúde	31
O luto e as cerimônias fúnebres na pandemia de COVID-19: reflexões a partir da tragédia Antígona, de Sófocles.....	33
A morte e o luto como tema de Rodas de Conversa - uma experiência dentro de um Centro de Convivência Virtual.....	36
Lutar Sempre: reflexão sobre a dimensão política das questões de saúde coletiva	39
Crise Elétrica e Pandemia: A saúde Pública no Estado do Amapá	40

Introdução

O “IV Seminário Setembro Amarelo: Do Luto à Luta” é uma iniciativa da Universidade Federal Fluminense que tem como objetivos promover reflexões sobre a saúde mental de nossa comunidade e dar visibilidade ao debate sobre a prevenção do suicídio. O seminário pretende também estabelecer redes, dentro e fora das universidades, que possam trabalhar juntas e construir propostas no campo da saúde. O Setembro Amarelo de 2021 aconteceu em um contexto singular de quase dois anos da pandemia de COVID-19. Infelizmente, tivemos muitas vidas perdidas e um aumento significativo da fome e do desemprego. Com isso, observamos cada vez mais relatos de quadros de ansiedade, depressão, síndrome de burnout e demais transtornos que podem levar ao aumento de casos de suicídio.

O período pandêmico nos obrigou a criar novas estratégias para a manutenção da vida e a repensar a nossa relação com o outro e com o planeta. Acreditamos que o debate sobre saúde deve vir acompanhado de uma reflexão sobre a organização da vida coletiva e sobre as condições de possibilidade de preservação da vida. Neste contexto, consideramos fundamental ter espaços que propiciem a reflexão, a discussão e a construção de propostas de atuação que tenham a saúde coletiva como foco. Por isso, o tema do simpósio foi “Do Luto à Luta” e abordou cinco questões principais: i) políticas públicas / vigilância em saúde e suicídio; ii) isolamento e suas diversas proporções na pandemia; iii) o valor da vida; iv) o luto e seus processos; v) a luta no campo da saúde. Seguindo estes tópicos, publicamos aqui os resumos expandidos de pesquisadores de diversas áreas que contribuíram para o debate sobre a saúde coletiva da população no Seminário de 2021.

Entre o luto e a luta, o Fórum de Ações Coletivas em Saúde Integral - FACES e o Movimento Felicidade Interna da UFF – FIU realizaram, no âmbito da Universidade Federal Fluminense, o IV Seminário Setembro Amarelo, entre os dias 20 e 24 de setembro, em formato virtual, disponibilizando espaços para debates e exposições de palestrantes de diferentes áreas.

Lembramos, por fim, que este evento faz parte das atividades do projeto de extensão: “Cooperação UFF - CVV Comunidade Niterói - 2021” (SIGPROJ: 362718.2033.220199.02012021), com foco em trazer uma resposta ao chamado “adoecimento da comunidade acadêmica”, que se verifica no aumento de casos de depressão, de níveis de ansiedade e – em casos extremos – da morte por suicídio.

Comitê Científico

IV Seminário Setembro Amarelo – Do Luto à Luta (2021)

Sigam nosso Instagram (@facesuff) e o nosso Canal do Youtube (Setembro Amarelo UFF).

Premiação do Comitê Científico

Com base nas avaliações feitas pelos membros do Comitê Científico, foram indicados os melhores trabalhos, como segue:

- 1- “O luto e as cerimônias fúnebres na pandemia de COVID-19: reflexões a partir da tragédia Antígona, de Sófocles”. Autores: Sabrina Varela Soares (Instituto de Psicologia da UERJ), Arthur Teixeira Pereira (Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da UERJ) e Ingrid Vorsatz (Instituto de Psicologia da UERJ).
- 2- “Morte, Vida e a Clínica”. Autores: Rafael Guimarães Vasconcellos (Mestrando em psicologia pela UFRJ) e João Batista de Oliveira Ferreira (Professor associado de psicologia pela UFRJ).
- 3- “Cuidando de quem cuida: a experiência com profissionais de saúde do trabalhador do SIASS-RJ na pandemia de Covid-19”. Autores: Elen Mara Gomes de Leo (UFRRJ), Bianca Cristina da Silva Janssens (UFRRJ), Daniele Moraes Carneiro (INSS), Isis Ferraz de Moura (INTO) e Rachel de Carvalho de Rezende (UFF).

Aviso legal (responsabilidade pelos resumos)

Todos os autores se responsabilizam pela autenticidade, aspectos técnicos, forma de escrita e direitos autorais dos resumos apresentados nesta publicação, isentando os membros responsáveis pela organização do “IV Seminário Setembro Amarelo: Do Luto à Luta” (edição 2021) de quaisquer responsabilidades. Resumos enviados que não cumpriram as exigências da formatação foram desconsiderados (a organização se permitiu pequenas mudanças para ajustes editoriais).

Isolamento e suas diversas proporções na pandemia.

O ser e o estar dos profissionais de saúde na pandemia (atuação e vivências)

https://youtube.com/playlist?list=PLm_1tG6kFbKODApIJCdxRmvEDF-mVT9zb



A vulnerabilidade emocional das profissionais de saúde que estão na linha de frente no enfrentamento à pandemia de Covid -19

Ada Márcia Rêgo Bastos¹, Cynthia Leal França², Sammya Marcelly Costa Saraiva³, Sarah Letícia Pachêco Calaça²

¹Universidade Federal do Piauí, discente do curso de serviço social (adamarcia39@gmail.com)

²Universidade Federal do Piauí, discente do curso de serviço social

³Faculdade Estácio, discente do curso de psicologia

Resumo:

O presente resumo expandido tem como principal objetivo apresentar algumas reflexões acerca do estado da saúde mental das profissionais da área da saúde - que estão na linha de frente no combate contra o vírus SARS-CoV2 - no que tange as suas vivências e atuações hodiernas em meio ao distanciamento social e a outras medidas devido a pandemia de COVID19 que está em voga.

Posto isso, ao longo dos parágrafos a seguir ficará claro o efeito dessa pandemia mundial na saúde emocional das profissionais da saúde que trabalham, incansavelmente, há mais de um ano. Eles lidam com várias medidas restritivas necessárias no combate a pandemia (desde usar máscara até o isolamento social) e com rotinas exaustivas de jornadas de trabalho. O resumo mostrará as necessidades psicológicas da população feminina por trás da profissão, nas quais a saúde mental fica em segundo plano, tendo em vista o caráter emergencial das ações e a indispensabilidade do foco que é barrar a propagação e consequentes mortes pelo coronavírus.

Para tanto, serão utilizados neste trabalho, através das metodologias quantitativa e qualitativa, dados estatísticos e discussões relativas ao tema, visando discutir a vulnerabilidade emocional que afeta as profissionais de saúde no atual contexto pandêmico.

A metodologia utilizada no presente trabalho consistiu em estudo bibliográfico e documental com abordagem mista a partir de pesquisa qualitativa e quantitativa acerca da problemática a ser desenvolvida. Nesse sentido, visando examinar alguns aspectos da realidade que não podem ser quantificados, a abordagem qualitativa aponta, segundo Minayo (2001), para a natureza mais profunda e não suscetível à redução por meio de variáveis, objetivando a compreensão e a análise da dinâmica

das relações sociais. Por outro lado, a abordagem quantitativa, que se deu a partir de dados coletados pela pesquisa realizada pela Fiocruz (2021), revelam o raciocínio dedutivo e mensurável da experiência humana através do pensamento lógico. A pesquisa bibliográfica, por sua vez, foi realizada a partir do levantamento de aportes teóricos que apontam os desdobramentos da pandemia na saúde mental dos profissionais que atuam diretamente no combate ao coronavírus.

Por fim, uma autora de grande contribuição para a realização do trabalho foi Naomi Wolf através de sua obra intitulada “O mito da beleza”, onde se faz evidente o fato de as mulheres trabalharem mais que os homens e de como estas estão sujeitas a uma “prisão” psicológica pré-estabelecida pela sociedade”.

A COVID-19 - doença infecciosa causada pelo coronavírus - já matou mais de 500 mil pessoas no Brasil. O vírus é tão rápido em expansão que medidas foram adotadas para que as pessoas prevenissem o contágio, entre elas, o distanciamento social. O distanciamento acabou afastando as pessoas e proibindo ações que antes pareciam inofensivas, como por exemplo, o abraço. Esse tipo de proibição acabou afetando de forma mais intensa os profissionais da saúde, ver a família tornou-se um risco, receber ou dar abraços oferecia perigo.

O fato de serem transmissores em potencial do vírus é um dos fatores que contribuem para o estado de vulnerabilidade emocional além da sobrecarga, precarização do trabalho e o sucateamento das políticas de saúde. Dessa maneira, estão mais propensos a desenvolver doenças psíquicas como a depressão e ansiedade, principalmente quando diz respeito a força de trabalho feminina. Dados da Fiocruz (2021) revelam que durante a pandemia a força de trabalho feminina é majoritária (77,6%). O rosto da guerra contra a COVID-19 é feminino. Sendo o trabalho dessas mulheres estendido para fora das unidades de saúde. Naomi Wolf (2018) cita a historiadora Rosalind Miles quando esta diz que: “desde as sociedades pré-históricas as tarefas das mulheres eram árduas, incessantes, variadas e opressivas”. Aquelas que são mães e chefes de família, por exemplo, revezam o tempo entre plantões, cuidado com os filhos e com a casa.

Crianças, filhas de profissionais da saúde, são intensamente atingidas com suas mães afastadas, o que também afeta a saúde mental dessas mulheres, que com a distância e a solidão causadas pelo tempo estendido no local de trabalho desencadeiam depressão ou ansiedade. Estas, quando desenvolvidas juntas, podem levar ao pior dos quadros: o suicídio. Tendo em vista que a pandemia aumentou os fatores de risco para tal. Conforme análise e interpretação sistemática das informações obtidas, as profissionais de saúde que atuam na linha de frente do combate à Covid-19 estão mais vulneráveis mentalmente e conseqüentemente sofrendo mais impactos psicológicos, em virtude das medidas preventivas e, principalmente, da extensa e exaustiva carga de trabalho imposta para a contenção do avanço da doença do coronavírus.

Por fim, os resultados registrados nesse resumo expandido ressaltam a necessidade de maior

atenção às medidas de suporte que buscam modificar e amenizar a realidade dessas mulheres. A título de exemplo, o fortalecimento do atendimento psicológico gratuito, dentro do ambiente de trabalho, e o incentivo aos grupos de apoio, são estratégias que viabilizam a diminuição da ansiedade, do cansaço, do medo e da insegurança que as profissionais da saúde sentem em decorrência do cenário pandêmico atual. Dessa forma, propiciam maiores cuidados à saúde física e mental destas profissionais e minimizam a demanda reprimida.

Palavras Chave: pandemia, força de trabalho feminina e vulnerabilidade emocional

Apresentação: <https://youtu.be/BannlBmlc4I>

Referências bibliográficas:

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**. Tradução: Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. 490 p.



Cuidando de quem cuida: a experiência com profissionais de saúde do trabalhador do SIASS-RJ na pandemia de Covid-19

Elen Mara Gomes de Leo ¹, Bianca Cristina da Silva Janssens ², Daniele Moraes Carneiro ³, Isis Ferraz de Moura⁴, Rachel de Carvalho de Rezende⁵

¹ UFRJ (elendeleo@ufrj.br)

² UFRJ

³ INSS

⁴ INTO

⁵ UFF

Resumo:

Este trabalho objetiva relatar a vivência de cuidados mútuos entre profissionais de saúde de órgãos federais do Rio de Janeiro que compõem o “Fórum Permanente Saúde do Trabalhador das Instituições Federais do Rio de Janeiro/SIASS”, responsáveis pelo cuidado à saúde de outros tantos trabalhadores. Intitulada “cuidando de quem cuida”, a vivência originou de um pequeno coletivo de trabalhadores deste Fórum. As reuniões técnicas mensais, contatou esse que, pelas mudanças no formato do trabalho pela pandemia e a observação crescente de necessidade de cuidado, tornou-se diária por mídia social e semanal por encontros. Tais encontros tornaram-se, além de técnicos, espaços sistematizados de escuta ativa.

Os trabalhadores da saúde, usualmente tidos como profissionais que cuidam, têm sido retratados pela literatura sobre sofrimentos físicos, psíquicos e sociais no trabalho (SOUZA; BERNARDO, 2019; ATHAYDE; HENNINGTON, 2012; ALMEIDA, 2019; CODO; VASQUEZ-MENEZES, 1999) e mais atualmente relacionados à pandemia (SOARES et al, 2020). Buscas sistemáticas pelo Scielo e Biblioteca Virtual de Saúde não apontam estudos tratando especificamente de cuidados aos profissionais de saúde do trabalhador durante a pandemia. Esta vivência se apresenta como ação de vigilância e promoção à saúde do trabalhador sob políticas públicas frágeis e ataques a direitos na nova morfologia do trabalho (ANTUNES, 2009).

Contando sempre com a presença de uma a duas psicólogas, os encontros dos profissionais de saúde do trabalhador, ocorreram por meio de plataformas, sendo inicialmente semanais, passando a

quinzenais e, atualmente, mensais (sob demandas). As reuniões tiveram duração de até três horas, garantindo espaço de fala/escuta aos participantes numa busca de recriar a qualidade de profissionais cuidadores que também precisam de cuidados. Por não ter realizado a sistematização dos dados de demandas tratadas e devido a flutuante participação nos encontros e a percepção de significativo declínio nas participações a partir de junho de 2021 (coincidindo a diminuição do número de casos de Covid e a intensificação da vacinação), decidiu-se realizar um “censo” por meio virtual para avaliação e reformulação da ação.

Foi enviado a todos os 117 integrantes do grupo de WhatsApp do Fórum acesso a um link do formulário por Google Forms com termo de consentimento livre e esclarecido abordando o objetivo, as formas de contato, a não-obrigatoriedade de participar e a garantia de anonimato. Seguido de breve levantamento sobre ter ou não participado dos encontros, os motivos à não-participação, a percepção de importância da participação e as necessidades de cuidados aos profissionais de saúde do trabalhador. Os dados obtidos foram tratados quali-quantitativamente, utilizando estatística descritiva e análise de conteúdo.

O “cuidando de quem cuida” foi disponibilizado aos integrantes do grupo de WhatsApp do Fórum Permanente SIASS-RJ com informação contínua sobre sua ocorrência. O “censo”, com alcance a 46 profissionais (39,3% da população alvo), aponta que, ao todo, 25 pessoas tomaram parte de algum evento desta ação, o que representa uma adesão de 21,4% dos integrantes do Fórum. Dos respondentes ao censo, 23 profissionais (48,9%) percebem que profissionais de saúde do trabalhador deixaram de receber algum tipo de cuidado nesta pandemia, com destaque à “saúde” (47,8% dos profissionais), especialmente “psicológica” (presente em 43,5% das respostas) e ao “apoio institucional” (21.7%).

Indagados sobre o motivo da não participação, duas categorias destacaram “empecilhos relacionados ao trabalho” (72% dos respondentes), notando-se possível relação da categoria “empecilhos não relacionados ao trabalho” ao trabalho remoto (24%), envolvendo família e assuntos pessoais. Foi predominantemente indicada como importante a participação dos encontros por estes permitirem “receber cuidados” (85,7% dos respondentes), em especial cuidado de “compartilhamento” (52,4%) e “acolhimento” (33,3%). Houve 19% de percepção de importância dos encontros para vivenciar “mudanças”, indicadas como experiências pessoais e não coletivas.

Contudo, os dados apontam 14,8% destacando a importância como um espaço de “coletividade” e a análise exploratória-qualitativa das participações nos eventos indica que estes se mostraram fortalecedores de coletividade expressa em ações como: i) realização de levantamento de dados sobre a saúde dos integrantes do Fórum SIASS-RJ; ii) elaboração de carta com recomendação de cuidados aos trabalhadores, reafirmando a relevância das equipes de saúde do trabalhador em tomadas de decisão na pandemia; iii) trocas de experiências no grupo de WhatsApp, não apenas para

questões técnicas, mas de solidariedade aos dilemas diários surgidos e iv) intensificação da rede de apoio entre as instituições.

A pandemia pela COVID-19 vem exigindo dos profissionais de saúde do trabalhador prontidão para cuidar, contudo, sob um cenário em que seus dramas próprios se somam aos riscos sanitários e novas condições de trabalho, cabendo indagar sobre “quem cuidaria deles”. Assim, a vivência “Cuidando de quem Cuida” apontada pelos participantes como importante, decorreu da necessidade de acolhimento mútuo, como ação de enfrentamento para manutenção da saúde desses trabalhadores que, enquanto prestam cuidados de saúde, igualmente enfrentam seu ofício sob a mesma pandemia.

As autoras deste texto são profissionais de saúde de áreas diversas e integrantes dessa vivência que evidenciou a necessidade de implantação de medidas de promoção em saúde, em acolhimentos específicos de atenção primária aos próprios profissionais de saúde do trabalhador. Possivelmente dentro ou fora desta crise sanitária, no cotidiano laboral de profissionais que, para cuidar, precisam ser cuidados. Dados mostram que o mesmo trabalho, que pode adoecer e trazer demandas de cuidados, é fator que gera empecilhos a profissionais de saúde cuidarem de si, serem cuidados e prestarem cuidados mútuos aos pares profissionais. Os encontros descortinaram necessidades de cuidados dos/das profissionais e apontaram a força do coletivo, exigente de maior organização para encontrar seu potencial de cuidado.

Palavras Chave: saúde do trabalhador, cuidar de quem cuida e SIASS

Apresentação: <https://youtu.be/VByN96uS-Xo>

Referências bibliográficas:

ALMEIDA, F.A.de. **Síndrome de Burnout e os Profissionais da Saúde e Educação**. Disponível em: <
<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1317.pdf>.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2009.

ATHAYDE, V.; HENNINGTON, É. A. A saúde mental dos profissionais de um Centro de Atenção Psicossocial. Physis: **Revista de Saúde Coletiva**. 2012, v. 22, n. 3, pp. 983-1001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312012000300008> Acesso em 11 agosto 2021. Epub 13 Nov 2012. ISSN 1809-4481. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312012000300008>.

CODO, W.; VASQUES-MENEZES, I. O que é burnout? In: CODO, Wanderley (org.). **Educação: carinho e trabalho**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1999. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/jornaldoprofessor/midias/arquivo/edicao3/Burnout.pdf> Acesso 11 agosto 2021.

SOARES, S.S.S. et al. De cuidador a paciente: na pandemia da Covid-19, quem defende e cuida da enfermagem brasileira? **Esc. Anna. Nery** 24 (spe). 2020, <https://doi.org/10.1590/2177-9465->

EAN-2020-0161. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/YfFkxn8LLxhtxXXCNB754PP/>

Acesso em: 11 agosto 2021.

SOUZA, H.A.; BERNARDO, M. H. Prevenção de adoecimento mental relacionado ao trabalho: a práxis de profissionais do Sistema Único de Saúde comprometidos com a saúde do trabalhador. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional** [online]. 2019, v. 44 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbso/a/BZfzmT5SM4p4McZfctc8vqn/>. Acesso em: 10 agosto 2021.

O valor da vida: promoção de saúde no contexto da pandemia

https://youtube.com/playlist?list=PLm_1tG6kFbKP_6lCmdTk9BucvwinrN_nR



A educação infantil no contexto pandêmico: desvelando o sentido da vida em meio dos desafios

Angelica Medeiros Yolanda Bueno Bejarano Vale de Medeiros¹, Eliane Ramos Pereira², Rose Mary Costa Rosa Andrade Silva²

¹ Universidade Federal Fluminense, doutorado em Ciências do Cuidado em Saúde
(angelicaflow@gmail.com)

² Universidade Federal Fluminense, Escola de Enfermagem da UFF

Resumo:

De acordo com a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), em março de 2020, no início da pandemia de COVID-19, a maioria dos governos fechou temporariamente as instituições de ensino, impactando mais de 90% da população estudantil do mundo (UNESCO, 2020a). No Brasil, como consequência do isolamento social, as aulas presenciais foram suspensas e substituídas por aulas digitais (BRASIL, 2020a), metodologia inapropriada para a educação infantil, surgindo assim novos desafios para as famílias com crianças matriculadas nestas séries e desencadeando um impacto, principalmente, psicológico.

Em relação a esta situação desafiadora, o psiquiatra e filósofo Viktor Frankl comprovou sua teoria acerca da busca do sentido da vida nas experiências desafiadoras da vida como o motor da existência e a preservação da saúde mental. Frankl foi sobrevivente do holocausto durante a segunda guerra mundial e vivenciou, em carne própria, o sofrimento do cativo, a pandemia de tifo dentro dos campos e a possibilidade de uma morte iminente.

Este trabalho objetiva ressaltar a importância do desvelar o sentido da vida nos desafios surgidos na educação infantil remota no início da pandemia. O presente relato de experiência aborda a metodologia descritiva e reflexiva da percepção e vivência pessoal na adaptação do ensino remoto e os desafios em comum das famílias de duas turmas de educação infantil de um colégio particular do Município de Niterói (RJ), no contexto inicial da pandemia, no período de 14 de março a 31 de abril de 2020. A pesquisa foi realizada a partir de depoimentos compartilhados no grupo de WhatsApp. O viés de reflexão deste estudo inclui as leis nacionais de educação e a abordagem filosófica e existencialista de Viktor Frankl (2015). Este estudo assegurou as premissas éticas como disposto na Resolução 466/12

Segundo Gil (2008) o relato de experiência permite ao pesquisador apresentar suas experiências e vivências que possam contribuir com relevância para academia, ciência e área de atuação. Por sua vez, a pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Este tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (TRIVIÑOS, 1987 apud GERHARDT & SILVEIRA, 2009).

As famílias relataram que a partir da terceira semana de isolamento, a mudança no comportamento alterado dos pequenos era comum, somados a nova realidade de estudo a distância, experiência inicialmente conflitiva e visivelmente inapropriada para a idade. Desta experiência se configuraram três categorias a ser discutidas:

- 1) Dificuldades apresentadas nas aulas ao vivo: foram identificados três desafios iniciais após a aula ao vivo. O primeiro, a necessidade do acompanhamento de um adulto junto com a criança. O segundo, a conectividade, uma vez que eram duas crianças em turmas diferentes com os mesmos horários de aula. O terceiro, a falta de desejo da criança em permanecer em frente ao computador, assim a perspectiva sobre as aulas online já não eram as melhores.
- 2) Questionando o aprendizado das crianças através do ensino remoto. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) afirma que a educação infantil deve assegurar os seguintes direitos de aprendizagem e desenvolvimento, a saber: conviver, brincar, participar, explorar e expressar (BRASIL, 2018 p.25; NOVA ESCOLA, 2020). Assegurar os direitos anteriores e o aprendizado via remota foi até o momento desta experiência um feito questionável e pouco viável para todos.
- 3) Importância do desvelar o sentido da vida nos desafios da vida: Frankl (2015) afirmou que o que o levou a superar os horrores dos campos e manter sua saúde mental em condições favoráveis para aguentar cada dia, foi o fato de encontrar um sentido na vida (apesar do sofrimento), transcender (apesar dos desafios) e encarar as dificuldades de forma positiva (FRANKL, 2015; MEDEIROS, PEREIRA, SILVA E DIAS, 2020).

Neste estudo surgiu a importância dos pais darem prioridade ao sentido do momento vivenciado, não forçando um método de estudo que trazia desconforto para a criança e para a família, mas promovendo experiências únicas em família que poderiam ser aproveitadas apesar da situação vivida. As famílias que optaram por atribuir o sentido da vida nesta experiência emergencial,

conseguiram aproveitar melhor o tempo de isolamento social, valorizar o momento em família, criar estratégias de ensino de forma lúdica e, principalmente, preservar a saúde mental, no entendimento que a situação vivida é passageira e coisas boas podem ser descobertas.

Palavras Chave: educação infantil, COVID-19 e sentido da vida

Apresentação: <https://youtu.be/677uMHlsHeQ>

Referências bibliográficas:

ASSOCIAÇÃO NOVA ESCOLA. NOVA ESCOLA. **BNCC para a educação infantil**. 2020. Disponível em: <https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/138/bncc-para-a-educacao-infantil-baixar-em-pdf-o-livro-digital> Acesso em: 25 de Apr. 2020.

BRASIL. **Portaria No 343**, de 17 de março de 2020. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. (2020a). Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376> Acesso em: 12 de Apr. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum curricular, Educação é a Base**. 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site. Acesso em: 22 de mar. 2020.

FRANKL, V. F. **El Hombre en Busca de Sentido**. Traducción y Edición: Comité de traducción al español. Barcelona: Herder, 2015.

GERHARDT, T.E.; SILVEIRA, D.T.; ORGS. **Métodos de pesquisa**. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS (2009). Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf> Acesso em: 24 de mar. de 2020

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MEDEIROS DE, A.Y.B.B.V DE.; PEREIRA, R. E.; SILVA, R.M.R.C.A.; ROCHA, R.C.N; MONCAYO, G.F. El sentido de la vida como recurso espiritual para el cuidado en oncología. **Revista Cubana De Enfermería**, 34(4). 2019. Disponível em: <http://www.revenfermeria.sld.cu/index.php/enf/article/view/2243>

MEDEIROS, A.Y.B.B.V DE, PEREIRA, R. E., SILVA, R.M.R.C.A.; DIAS, F. Fases psicológicas e sentido da vida em tempos de isolamento social devido à pandemia do COVID-19, uma reflexão à luz de Viktor Frankl. 2020. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, 9 (5), e122953331. Disponível em: <https://rsd.unifei.edu.br/index.php/rsd/article/view/3331> Acesso em: 25 de Apr. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA. UNESCO. **Disrupção educacional e resposta COVID-19**. 2020a. Disponível em: <https://en.unesco.org/covid19/educationresponse/> Acesso em: 25 de Apr. 2020.



Educação física escolar em imagem: um chamado à promoção da saúde na pandemia de Covid-19

Fábio Narduchi de Paula¹, Alexandre de Jesus Pereira ², Joaquim Humberto Coelho de Oliveira³

¹ Doutorando do programa Educação em Ciências e Saúde da UFRJ (fabionarduchi@uol.com.br)

² Doutorando do programa Humanidades, Culturas e Artes da UNIGRANRIO

³ Programa de Mestrado e Doutorado Interdisciplinar: Humanidades, Culturas e Artes da
UNIGRANRIO

Resumo:

O presente trabalho parte de uma dissertação de mestrado que teve como objetivo investigar as representações sociais, no caso da pesquisa, advindas de imagens acerca do corpo nas aulas de educação física escolar, não somente de alunos, mas também de professores desse componente curricular. Adotou-se o método documentário de análise e de interpretação de dados imagéticos (BOHNSACK, 2007) e a metodologia qualiquantitativa do discurso do sujeito coletivo (DSC) (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003, 2014).

Como discurso imagético de baixa expressividade, porém não negligenciável, encontrado em um dos desenhos dos docentes que compuseram a pesquisa, estava aquele relacionado ao alijamento de uma aluna, do gênero feminino, de uma aula em que se trabalhava o conteúdo futebol. As representações sociais podem ser entendidas como concepções, ideias, imagens e visões de mundo que os atores possuem sobre a realidade (MOREIRA; OLIVEIRA, 1998), sendo vistas também como manifestações do habitus (DOMINGOS SOBRINHO, 1998) de um determinado grupo. Práticas e representações são, portanto, fenômenos interdependentes (ALÉSSIO, 2005).

O discurso imagético identificado torna-se, então, de grande relevância, evidenciando a existência, nas aulas de Educação Física escolar, da chamada “periferia da quadra” e do quanto as práticas corporais encontram-se “generificadas” (FERNANDES, 2010; OLIVEIRA; DAOLIO, 2014).

Tal discurso requer do professor de Educação Física uma atenção especial, no sentido da busca por uma nova práxis educativa, em que acolhimento e participação/inclusão de todo o grupo se tornem presentes, sobretudo em se tratando do período atual. Por essas práticas se encontrarem

“generificadas”, alguns grupos acabam por ficar alijados das aulas de Educação Física, como é o caso das meninas, já que, historicamente, a disciplina curricular vem valorizando o esporte como principal conteúdo, em grande parte, o futebol.

A “esportivização” dessas aulas acaba por excluir uma parcela considerável de seus alunos (NARDUCHI; PEREIRA; STRUCHINER, 2020), não somente por valorizar e trabalhar, estritamente, o futebol, mas também pelos valores e atitudes enfatizados pela instituição esportiva que adentram a escola. Trata-se, principalmente, do “rendimento esportivo padronizado” (BRASIL, 1998), o que é reforçado, como forma de alerta, na literatura da área.

Sendo assim, o estudo implementado traz um chamado, por meio de evidência encontrada, para a importância de se promover saúde nos espaços escolares – sobretudo agora, no contexto atual da pandemia de Covid-19 – por meio de estratégias inclusivas, ou melhor, de participação e de acolhimento, quando se discute reduzir os índices de adoecimentos pela depressão e pela exclusão social, tendo os exercícios físicos da disciplina curricular como grandes aliados para tal.

Uma diversificação de atividades (conteúdos) se torna essencial, a fim de se alcançar um maior engajamento de alunos nessas aulas, nas quais todos possam ser incluídos dentro de todo o universo de práticas existentes em termos de esportes, de jogos, de lutas, das danças e das ginásticas, mas com as adaptações necessárias para o momento.

Além da perspectiva biológica envolvendo a saúde (liberação de hormônios como a endorfina e a serotonina, quando da participação em programas de exercícios físicos), há determinantes de origem cultural e social que a influenciam e que precisam ser levados em conta, tais como mudanças de atitudes e de hábitos para com a sua saúde e para com a saúde da coletividade, a fim de se promovê-la nos espaços escolares e extraescolares. Sendo assim, o trabalho do professor de Educação Física se torna essencial, sendo ele um profissional que se situa na confluência de áreas como a Saúde e a Educação. Além de atividades adaptadas para o momento, há todo um processo de conscientização. Conteúdos conceituais e atitudinais também precisam estar sendo trabalhados.

Ressignificar saberes escolares historicamente construídos e sedimentados acerca das práticas da cultura corporal de movimento, no ambiente escolar, torna-se fundamental, principalmente agora com o retorno presencial da educação híbrida, momento em que a grande parcela dos alunos se encontra fragilizada emocionalmente e de volta às aulas presenciais, tendo vivenciado as adversidades impostas pela pandemia.

Inseguranças e medos ainda estão presentes, assinalando os desafios e as necessidades do momento de se promover saúde no ambiente escolar. Acolhimento e participação/inclusão, nessas aulas, através de exercícios físicos direcionados e adaptados, são necessários, seguindo os protocolos sanitários do momento, como já vem sendo realizado. Assim como um trabalho de conscientização, ressaltando, conforme Schall e Struchiner (1999), que a Promoção da Saúde, em consonância com um

conceito ampliado de saúde, considera esta um estado positivo e dinâmico de bem-estar, integrando aspectos físicos e mentais, ambientais, pessoais/emocionais, como autorrealização pessoal e afetiva, e socioecológicos.

Isso acaba por reforçar a relevância do trabalho do profissional de Educação Física, mais particularmente, de sua mediação didático-pedagógica. Novos valores precisam ser postos, como também novas ações, que podem partir das necessidades dos próprios alunos em termos de movimento humano. Dentro do universo da cultura corporal de movimento presente em seus cotidianos antes da pandemia, escolher aquelas modalidades que possam ser realizadas com segurança e com as adaptações devidas. Todo um trabalho informativo (conteúdos conceituais) pode e precisa também ser trabalhado. Conteúdos sociocientíficos podem e devem ser trabalhados, como, por exemplo, as famigeradas *fake news* e suas relações com as vidas. Novos saberes precisam ser descobertos e mobilizados pela escola do momento.

Palavras Chave: educação física escolar, promoção da saúde, pandemia

Apresentação: <https://youtu.be/>

Referências bibliográficas:

ALÉSSIO, Renata Lira dos Santos. Desenvolvimento humano e violência na zona rural. In: SANTOS, Maria de Fátima de Souza; ALMEIDA, Leda Maria de. (Orgs.). **Diálogos com a teoria da representação social**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2005.

BOHNSACK, Ralf. A interpretação de imagens e o método documentário. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 9, nº 18, p. 286-311, jun./dez. 2007.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DOMINGOS SOBRINHO, M. “Habitus” e representações sociais: questões para o estudo de identidades coletivas. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Orgs.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 1998.

FERNANDES, S. C. “Cadê a bola, dona?” Ou sobre os significados de gênero nas aulas de educação física. In: DAOLIO, J. (Coord.). **Educação física escolar: olhares a partir da cultura**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. Discurso do Sujeito Coletivo: representações sociais e intervenções comunicativas. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 502-507, Abr./Jun. 2014.

_____. **O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa**. Caxias do Sul: Educs, 2003.

MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. Apresentação. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (Orgs.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: AB, 1998.

- NARDUCHI, F.; PEREIRA, A. J.; STRUCHINER, M. Inversão do goleador na educação física escolar: uma experiência cooperativa e inclusiva no ensino fundamental. **Revista Augustus**, Rio de Janeiro, v.25, n.50, p. 145-153, 2020.
- OLIVEIRA, R. C.; DAOLIO, J. Educação física, prática pedagógica e não diretividade: a produção de uma “periferia da quadra”. **Educação Em Revista**, Belo Horizonte, v.30, n.2, p. 71-94, 2014.
- SCHALL, V. T; STRUCHINER, M. Educação em Saúde: novas perspectivas. **Cad. Saúde Pública**, v. 15, n. 2, p. 4-6, 1999.



Morte, Vida e a Clínica

Rafael Guimarães Vasconcellos¹, João Batista de Oliveira Ferreira²

¹ Mestrando em psicologia pela UFRJ (rafs.vasc@gmail.com)

² Professor associado de psicologia pela UFRJ

Resumo:

Esta pesquisa é originada de um projeto PIBIC associado a um estágio clínico pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e teve como objetivo explorar os desafios e as possíveis contribuições da psicologia clínica frente a situações de ideação suicida. Em tempos de pandemia, de hipercompetitividade e de crescimento exponencial de casos (BRASIL, 2020), tal discussão se mostra ainda mais essencial. Para isso, foi feito um percurso analítico partindo do real, neste caso, de um caso clínico publicado, o de Yonnel Dervin. Este percurso consistiu na exploração de conceitos de Albert Camus, David Lapoujade e João Ferreira, entre outros, a fim de discutir os limiares da saúde e do adoecimento existencial no fenômeno da ideação suicida, na forma de verdadeiras ilusões desesperadoras.

A ideação suicida, sob essa ótica, pode ser encarada como uma tentativa de ruptura abrupta com um sofrimento extremo, que é ilusoriamente sinonimizado com o total da existência do sujeito. Em outras palavras, é um fluxo vital capturado em uma lógica antolhada de associação de um momento existencial de extremo sofrimento com a totalidade possível existencial. O que poderia a clínica fazer diante disso?

A pesquisa foi desenhada a partir da abordagem bibliográfica exploratória, nos moldes descritos por Gil (2002), com a presença de levantamento bibliográfico e análise de exemplos que estimulem a compreensão.

O levantamento consistiu em três eixos principais, conforme sinalizado no título deste projeto: vida, morte e clínica. Em cada eixo, um autor principal foi selecionado como fio condutor, a fim de guiar as argumentações de forma coerente. Para explorar a vida, enquanto fluxos vitais afirmadores de direitos de existência, o filósofo David Lapoujade (2017). Para pensar a morte, a partir da ideação

suicida, o filósofo Albert Camus (2010). Por fim, explorando a clínica, o professor João Ferreira (2019), entre outros.

A seleção do caso analisado, por sua vez, foi feita conforme uma noção fundamental da cartografia (KASTRUP; PASSOS, 2013), que argumenta a importância do campo se apresentar também como sujeito ativo no processo de pesquisa. Dessa forma, o caso que se apresentou durante o percurso de pesquisa foi o de Yonnel Dervin (CASTRO, 2020). A ideia foi utilizar o caso para explorar tanto as ressonâncias, como as incoerências da bibliografia levantada, evitando uma seleção que se resumisse a uma mera confirmação de concepção já pré-estabelecida.

A partir do caso Yonnel, muito famoso à sua época nos anos 90 por ter feito parte de uma leva de tentativas de suicídio em ambiente de trabalho – algo que marcou época como novidade fenomênica (DEJOURS; BÈGUE, 2009) –, podemos pensar a captura da vida em relação ao absurdo, no momento mais agudo em que este sujeito sentiu sua vida não sendo legitimada, seu direito a existir não sendo assegurado: o espanto, o desespero (CAMUS, 2010). Em seu caso, uma captura pela lógica da redução de sua subjetividade a um único modo utilitarista de existir: engenheiro da France Télécom (FERREIRA, 2018). Ao ver a função que desempenhara durante 15 anos ruir diante de seus olhos, sua desventura se tornou uma sensação de sofrimento em totalidade existencial. Sob essa lógica, se a totalidade da existência for encarada enquanto sofrimento, como o fluxo vital, que procura se afirmar contra o sofrimento (LAPOUJADE, 2017), lutará contra esta situação?

Portanto, atentemos: se a vida atenta contra si, baseado na lógica de que “si” é em totalidade sofrimento, logo, a vida está agindo deturpadamente conforme seu fluxo de afirmação de vida digna – combatendo o seu próprio sofrimento da única forma que enxerga em meio aos seus antolhos. É uma captura da vida numa perspectiva antolhada.

Isso vai ao encontro com a ideia que o vital procura sempre escapar de alguma forma (FERREIRA, 2019), ou: "todas as ações e sensações são gestos vitais. Até mesmo o mais antivital dos gestos borbulha de vida em algum nível" (MASSUMI, 2017: 152). Baseado nisso, devemos nos perguntar: o que está tentando escapar nesses movimentos engendrados e capturados? Como é possível auxiliá-los?

Sob esse aspecto, a clínica mostra-se fundamental na forma de criar "caminhos outros" para que os fluxos vitais possam fissurar essa lógica antolhada (FERREIRA, 2019). A partir da análise feita, foi possível perceber que há algo no ato suicida, da ordem do mistério, que segue o fluxo vital de afirmação da vida digna – contra o sofrimento extremo –, só que ofuscado pela lógica antolhada da totalidade da existência enquanto sofrimento. É exatamente nessa dinâmica que dispositivos como a clínica podem entrar, visando sua ressignificação, devolvendo àquele sujeito a sua capacidade de qualificar sua existência (FERREIRA, 2019).

O desafio, portanto, da psicologia clínica frente a um caso grave é buscar, tentar, lutar, sempre

na medida do (im)possível, a auxiliar a reorientação desse movimento misterioso de potência de saúde em direção à afirmação de direitos de existência. Enquanto, em casos menos graves, o objetivo é desconstruir a ilusão de totalidade da vida enquanto captura e sofrimento. Em ambos os casos, leva-se em consideração os papéis adoecedores dos contextos sociais em que o sujeito se encontra.

É um caminho árduo para uma clínica ultrapassar essa barreira de transformação subjetiva e social, ainda mais em relação a um fenômeno tão urgente, porém, pode-se dizer que qualquer clínica que não tenha minimamente esse objetivo em perspectiva, provavelmente não alcançará mudanças efetivas e duradouras em campos adoecidos tão complexos.

Palavras Chave: suicídio, clínica e psicologia

Apresentação: <https://youtu.be/WYrQdSXogbE>

Referências bibliográficas:

BRASIL. Ministério da Saúde. **Painel de Monitoramento de Mortalidade da Secretaria de Vigilância em Saúde**. Disponível em: <<http://svs.aids.gov.br/dantps/centrais-de-conteudos/paineis-de-monitoramento/mortalidade/cid10/>>. Acesso em: 20 dez. 2020.

CAMUS, A. **O Mito de Sísifo**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2010.

CASTRO, F. G. **A subjetividade sem valor: Trabalho e formas subjetivas no tempo histórico capitalista**. Curitiba: Appris, 2020.

DEJOURS, C.; BÈGUE, F. **Suicídio e Trabalho: o que fazer?** São Paulo: Paralelo 15, 2009.

FERREIRA, J. B. **O ato de criação como operador ético-político dos direitos de existência: ressonâncias com práticas artísticas, clínicas e do trabalho**. Projeto do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica PIBIC-UFRJ, 2020.

FERREIRA, J. A clínica das formas-de-vida no trabalho: dispositivo micropolítico para afirmar direitos de existência. Em: **Trabalho que adoeece: resistências teóricas e práticas**. (org) DUTRA, R.; FACAS, E.; FREITAS, L.; GHIZONI, L. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.

FERREIRA, J. B. A ronda infinita dos obstinados: ressonâncias entre arte, clínica e trabalho. Em: **Encuentros en Abril. Psicología y Subjetividad. Diálogos en investigación y Extensión**, p.106-124. UFRJ e Universidad de La República, Montevideo, Uruguai, 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KASTRUP, V.; PASSOS, E. Cartografar é traçar um plano comum. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 263-280, Ago. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/nBpkNsJc6DrmsTtMxfRCZWK/?lang=pt> . Acesso em: 20 Feb. 2021.

LAPOUJADE, D. **Existências Mínimas**. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

MASSUMI, B. **O que os animais nos ensinam sobre política**. São Paulo: N-1 Edições, 2017.

O luto e seus processos, no recorte temporal da pandemia

https://youtube.com/playlist?list=PLm_1tG6kFbKPH6h8mmJQTEVGgUWUWmw



Breves desdobramentos sobre a experiência intersubjetiva da finitude hoje

Thiago Sitoni Gonçalves¹, Daiany Lara Massias Lopes Sgrinholi²

¹ UNIOESTE, Programa de Pós-graduação em Filosofia (thiagositonipsi@gmail.com)

² UNICESUMAR, mestrado em promoção da saúde

Resumo:

No horizonte da morte escancarada, assiste-se expressões da finitude que nos chegam pelas mídias, sejam como homicídio, feminicídio, suicídio ou quadros graves de adoecimento. Tais quadros são foco dos noticiários hoje (COVID-19) e das repercussões na subjetividade, na medida em que a finitude afeta o sujeito em seu limite, enquanto finito e em sua situação (KOVÁCS, 2021). O termo situação designa o surgimento originário da realidade humana, na medida em que ela aparece em uma relação indissociável com o outro, seu corpo, seus arredores e com sua morte, ou seja, em uma intersubjetividade (BOCCA, 2021; SARTRE, 2015; SARTRE, 1943).

Neste ínterim, assistimos a morte não somente pela fala do outro desconhecido ou que ouvimos falar, mas avistamos ela a partir de seu estreitamento com os outros íntimos, estes que foram cuidados (ou são cuidadores) em unidades intensivas de saúde e este outro não contemplado pelo cuidado a tempo, seja para alívio da dor física, emocional, psicossocial e espiritual. À luz de uma perspectiva fenomenológico-existencial sartriana, objetiva-se com este texto, construir breves apontamentos sobre uma destas experiências intersubjetivas da finitude, a partir de relatos retirados de uma reportagem (TRINDADE; ALVES, 2021) feita em uma UTI da COVID-19, enquanto um recorte desta experiência. Pelo pano de fundo da fenomenologia desenvolve-se este trabalho. O método fenomenológico funda-se no século XX enquanto movimento e estatuto filosófico. Seu surgimento é contrário às concepções idealistas e dualistas de pensar o conhecimento tal como a ciência da época teorizava. Seu principal fundador, Edmund Husserl descreve a premissa deste estatuto enquanto um retorno às coisas mesmas, ou seja, o resgate da experiência a partir da intencionalidade, isto é, de um movimento feito pela consciência para fora, nas relações e por elas, apreender a realidade tal como se manifesta (GADELHA, 2017). Sartre (2015 p. 16; 1943 p. 12), como um precursor e crítico deste método,

descreve ele como ponto de partida para todo parecer, pois, “tudo está em ato” e tal aparência do objeto transcendente é produto-produtor da consciência, neste caso, a finitude. Nosso objeto de discussão provém do material jornalístico e do entrecruzamento teórico, ou seja, a revisão de literatura.

Os relatos emergem de uma situação restritiva, caracterizada por um lugar de cuidado intensivo (UTI) em um estabelecimento institucional hospitalar. Seus arredores são compostos por equipamentos de ventilação mecânica, tubos, objetos perfurantes, leitos, medicamentos, (ausência de) insumos e aparato de segurança. O lugar e seus arredores delineiam o aspecto concreto-inerte da situação (BOCCA, 2021) e o outro, sendo mais um aspecto, é o ser-para-outro, este no qual tenho relação no mundo, na medida em que aparece enquanto corpo-consciência intersubjetiva (SARTRE, 1942; 2015).

É neste foco que a reportagem centraliza na experiência vivida, posto que, a UTI configura-se a partir dela. O outro é quem subestima a doença e, contrariamente, está à sua mercê. O corpo revela-se imprevisível no adoecer e no cuidado, pelas intubações emergenciais, ‘prona’ e pelos medicamentos para otimizar o uso de oxigênio (TRINDADE; ALVES, 2021). Nessas limitações aparecem as crises éticas, isto é, a obrigatoriedade em escolher (SARTRE, 1946; 2014). Ou seja, quando prestes a ser entubado, há a despedida de seus filhos, declarações de amor à esposa, à filha, aviso de afazeres do cotidiano, entregas de cartas de amor, pedidos por mais tempo de vida ou a ‘fome de ar’ (TRINDADE; ALVES, 2021).

Nesses instantes, a quantificação da vida não é mencionada, todavia, existe o reconhecimento de si enquanto sujeito possível de vir a adoecer. O limite entre cuidar e ser cuidado são tênues, na mesma proporção em que o desgaste, a frustração com a morte, a intensidade da rotina dos profissionais da saúde e a ausência de empatia, também afetam os cuidadores. Como uma forma de enfrentamento, os profissionais fazem uso dos sentidos subjetivos para lidar com esta situação, como a fé, a esperança e a ressignificação da atitude de curar, para um posicionamento de acolher e confortar.

O sujeito revela-se em intersubjetividade posto que, seu ser-no-mundo é histórico e dialético. O fenômeno da finitude não se distancia do sujeito, pelo contrário, ele avizinha-se enquanto possibilidade de extermínio pela morte escancarada. Neste íterim, o método fenomenológico amparou neste eixo, para dar cabo à aparição do fenômeno em situação, isto é, à luz da intencionalidade. O recorte da finitude visto é a morte por COVID-19 em uma UTI. Na reportagem, há a caracterização da situação em que este modo da finitude apresenta-se, ou seja, pelos seus aparatos práticos-técnicos e pela relação com o outro. Neste segundo ponto, revelou-se as ações dos outros em meio à situação-limite de intubação. Na ação, pela condição de adoecimento do outro, os cuidadores identificam-se e retornam às mesmas coisas, isto é, à experiência, e ao mesmo tempo, a afetação com

ela. Este retorno mostrou-se capaz de dar outro sentido ao cuidado, e ao mesmo tempo, impactar severamente na saúde mental por avizinhar a linha tênue entre cuidador e paciente, visto que, quem cuida, age sob estresse, condições privativas e frustração diante da vida e da morte.

Palavras Chave: finitude, COVID-19 e intersubjetividade

Apresentação: <https://youtu.be/5fRTpZkqTUs>

Referências bibliográficas:

BOCCA, Marivania Cristina. **Psicanálise existencial e o método progressivo-regressivo:** a experiência psicopatológica em Jean-Paul Sartre. Curitiba: Appris, 2021.

GADELHA, Camila Leão. Sartre: fenomenologia e existencialismo. In: CASTRO., Ewerton Helder Bentes de. **Fenomenologia e Psicologia:** a(s) teoria(s) e práticas de pesquisa. Curitiba: Appris, 2017

KOVÁCS, Maria Júlia. Educação para a morte: desafios atuais. In: KREUZ, Giovana.; NETTO., José Valdeci Grigoleto. **Múltiplos olhares sobre morte e luto: aspectos teóricos e práticos.** Curitiba: CRV, 2021 p. 35-52.

SARTRE, Jean-Paul. **L'être et le néant. Essai d'ontologie phénoménologique.** Paris: Gallimard, 1943.

_____. **O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica.** Tradução de Paulo Perdigão. 24ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

_____. **L'existentialisme est un humanisme.** Paris: Nagel, 1946.

_____. **O existencialismo é um humanismo.** Tradução de João Batista Kreuch. 4º ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

TRINDADE, Ocinei; ALVES, Priscilla. **Relatos de vida e morte nas UTIs da COVID-19.** Disponível em: <<https://www.jornalterceiravia.com.br/2021/04/18/relatos-de-vida-e-morte-nas-utis-da-covid-19/>> Acesso em 16 jul. 2021.



Dançar a morte para lidar com a vida: o luto e a finitude da vida na formação profissional em saúde

Luan Limoeiro Silva Hermogenes do Amaral¹, Clara Judithe de Jesus Nascimento², Ana Beatriz de Oliveira Rabello Duarte², Nilcéia Nascimento de Figueiredo², Valéria Ferreira Romano³

¹ Univ. Federal do Rio de Janeiro - Laboratório de Estudos em Atenção Primária, Faculdade de Fisioterapia (luanlimoeiro@gmail.com)

² Univ. Federal do Rio de Janeiro – Lab. de Estudos em Atenção Primária, Faculdade de Fisioterapia)

³ 3Faculdade de Medicina da Univ. Federal do Rio de Janeiro – Labo. de Estudos em Atenção Primária

Resumo:

Uma das certezas humanas é que morreremos. Todavia, a morte ainda é sede de sofrimentos, sobretudo na sociedade ocidental contemporânea, “marcada pela perspectiva materialista e individualista da vida” (Nogueira, Oliveira e Pimentel, 2006), que vê na morte o fracassar da vida.

Frequente na vida do profissional da saúde, em sua formação a finitude da vida é abordada superficialmente, acarretando grande sofrimento frente inúmeros episódios de morte que vivenciam em ofício. Diante disso, muitos profissionais se dessensibilizam, mecanizando seu fazer.

A COVID-19 levou todos nós a experimentar o luto. Além da morte, a possibilidade de circular livremente, de nos reunirmos fisicamente, a paralisação dos estudos, as condições de trabalho estressantes, e a dificuldade de realizar os rituais de despedidas com os entes em situação de finitude da vida, impactaram nossa saúde mental (Crepaldi et al, 2020).

Posto isso: como lidar com a morte na formação profissional em saúde? Como acolher estudantes e profissionais diante do luto? Acreditamos que pensar a morte é pensar a vida e formas de segui-la, apesar de seu fim. Importante temática deve ser abordada mais profundamente nas graduações de saúde, e a literatura e as artes são poderosíssimas ferramentas pedagógicas de reflexão sobre o tema.

O trabalho proposto nasceu de um dos encontros do Laboratório de Estudos em Atenção Primária (LEAP/UFRJ) durante o período letivo, onde refletimos sobre a finitude da vida e os cuidados paliativos em saúde. Afetados, buscamos maneiras mais sensíveis de explorar nossas subjetividades

enquanto estudantes e profissionais da saúde.

Assistimos em grupo a performance de um vídeo do YouTube intitulado “Dançar a morte para lidar com a vida”, elaborada por estudantes do LEAP com base no conto “Viagem a Petrópolis” (LISPECTOR, 2016). O objetivo era sensibilizar estudantes e profissionais da saúde para além da racionalidade. Acreditamos que o corpo comunica o que a palavra sozinha não é capaz. Seguido da apresentação, em forma de roda de conversa, abrimos espaços para circular os afetos, na tentativa de dar algum sentido às experiências vividas subjetivamente durante a pandemia.

O resultado foram afetações expressas como a dor e o medo, que atravessaram corpos e mentes durante a pandemia, encontrando caminhos para desaguar no espaço criado. Apoiando-se, estudantes, profissionais da saúde, professoras e professores compartilharam experiências, tocaram e se permitiram serem tocados pelos relatos que circularam. Lamentos fúnebres foram se harmonizando pela sensibilidade da orquestra que acolheu o luto. A sinfonia da morte embalou a dança dos afetos de quem adentrou no território da perda. Dançando a morte, tateamos maneiras de fluir na vida, sustentando os vazios.

A experiência acima descrita nos certificou da importância de construirmos espaços mais sensíveis para lidar com o luto e abordar a finitude da vida dentro da formação profissional em saúde. Revelou-nos também o valor da arte e da literatura enquanto dispositivos pedagógicos, e a necessidade de valorizarmos as experiências do corpo, que nos revela sentidos e saberes a serem praticados.

Palavras Chave: finitude da vida, COVID-19 e luto

Apresentação: <https://youtu.be/4lv5DOaWhxA>

Referências bibliográficas:

CREPALDI, Maria Aparecida et al. Terminalidade, morte e luto na pandemia de COVID-19: demandas psicológicas emergentes e implicações práticas. **Estudos de Psicologia** (Campinas) [online]. 2020, v. 37 [Acessado 18 Agosto 2021] , e200090. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200090>>. Epub 01 Jun 2020. ISSN 1982-0275. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200090>.

LISPECTOR, Clarice. **Todos os contos/Clarice Lispector**; organização de Benjamin Moser. 1ª ed. Rio de Janeiro. Rocco, 2016.

NOGUEIRA, A. C. C., Oliveira, L. M., & Pimentel, V. (2006). O Profissional da Saúde e a Finitude Humana: a negação da morte no cotidiano profissional da assistência hospitalar. **Textos & Contextos** (Porto Alegre), 5(2), 1-11. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/1026>. Acesso em 19 nov. 2020.



O luto e as cerimônias fúnebres na pandemia de COVID-19: reflexões a partir da tragédia Antígona, de Sófocles

Sabrina Varella Soares¹, Arthur Teixeira Pereira², Ingrid Vorsatz³

¹Instituto de Psicologia da UERJ (sabrnavarella@outlook.com)

²Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da UERJ (PPGPS-UERJ)

³Instituto de Psicologia da UERJ

Resumo:

O presente trabalho visa investigar o impacto das restrições impostas às cerimônias fúnebres decorrentes da pandemia de COVID-19 e seus efeitos sobre o trabalho psíquico do luto, conforme este é compreendido pela psicanálise. O Ministério da Saúde (BRASIL, 2020) recomenda a suspensão ou a restrição das cerimônias fúnebres durante a pandemia de COVID-19, determinando o acondicionamento dos corpos em sacos plásticos impermeáveis e a vedação das urnas funerárias, impedindo o contato com o corpo morto.

Estas restrições acarretam consequências ao trabalho psíquico do luto enquanto simbolização da perda de um ente querido. Partiremos de determinados elementos presentes na tragédia ática Antígona, de Sófocles (441 a.C./1990), na problematização das atuais restrições aos ritos funerários. Já nos primórdios da cultura ocidental, esta tragédia ressalta a relevância das cerimônias fúnebres frente à morte. A heroína trágica transgredir o decreto do rei que proibia o sepultamento do corpo de seu irmão, Polinices, considerado traidor da cidade, concedendo-lhe as honras fúnebres e sendo condenada à morte.

Esta investigação é fruto da nossa inserção no projeto de pesquisa “Psicanálise e literatura: Freud e os clássicos”, coordenado pela Prof.^a Ingrid Vorsatz, no Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Foi empreendida uma breve revisão crítica da literatura psicanalítica acerca do luto e sua relação com as cerimônias fúnebres, bem como comentários de Jacques Lacan sobre a referida tragédia ática.

A partir da obra Mito e religião na Grécia Antiga, do helenista Jean-Pierre Vernant (1990/2009), apresentamos o significado dos ritos fúnebres no contexto em que a referida tragédia foi representada,

a saber, o século V a.C. Além disso, foi realizado um levantamento sucinto de notícias e normativas referentes às restrições impostas às cerimônias fúnebres durante a pandemia de COVID-19.

Freud (1917/2017) caracteriza o luto como um trabalho psíquico devido à perda de uma pessoa amada ou de uma abstração que esteja em seu lugar, como a pátria ou a liberdade, entre outras. Trata-se de uma reação à prova de realidade que indica que o objeto amado não existe mais, de modo que acatar este fato é algo que apenas pode ser feito gradualmente, com investimento de tempo e energia psíquica (libido). A partir disso, Lacan (1958-59/2016) aponta que a morte do outro, como a de um ente querido, é experienciada como uma perda intolerável, ocasionando uma desordem subjetiva. Como resposta, o trabalho do luto advém enquanto uma tentativa de simbolizar esta experiência, de contornar e nomear o inominável, vale dizer, a morte enquanto irrepresentável no inconsciente.

As cerimônias fúnebres, práticas coletivas e culturais, facultam tal simbolização, possibilitando manter a presença do morto enquanto memória. Vernant (1990/2009) assinala algo análogo no contexto da Grécia Antiga, em que os ritos fúnebres possibilitavam que o morto se dirigisse ao mundo dos mortos (Hades), ao qual deveria pertencer, apenas permanecendo no mundo dos vivos enquanto memória, justamente o que é impedido pelo decreto do rei Creonte na tragédia *Antígona*, de Sófocles. Lacan (1959-60/2008) aponta que, com isso, o rei visa condenar o morto - Polinices, irmão de *Antígona*, ambos filhos de Édipo e Jocasta - a uma espécie de segunda morte. A primeira seria referente à cessação da vida, já a segunda seria referente à morte do nome, que seria preservado pelas cerimônias fúnebres.

Os funerais indicam que a morte de um homem não é como a de um animal, por, justamente, o primeiro ser situado por um nome no registro simbólico. Por sua posição inarredável em sepultar o irmão, *Antígona* o preserva, para além de qualquer julgamento sobre suas ações. A relevância das cerimônias fúnebres diante da perda de um ente querido foi tratada pelo poeta trágico Sófocles na tragédia *Antígona*, ao representar como a heroína não admite deixar o corpo do seu irmão sem um sepultamento.

A dimensão intolerável desta experiência exige que tais ritos sejam realizados como parte daquilo que Freud (1917/2017) considera como o trabalho do luto (*Trauerarbeit*), pois permitem a simbolização da penosa experiência da perda de um ente querido, bem como a preservação de sua memória. Portanto, a restrição ou até mesmo o impedimento destas cerimônias inerentes à cultura podem obstaculizar o trabalho do luto, na medida em que afetam a simbolização da perda e a preservação do morto enquanto memória. Como consequência, para o sujeito, pode deixar a sensação de uma despedida incompleta, de incerteza sobre a realidade da morte, além de um prolongamento do luto.

Assim, a suspensão ou limitação destas cerimônias e o impedimento do contato com o corpo do morto, tais como as restrições recomendadas pelo Ministério da Saúde (2020), inviabilizam uma

despedida digna daquele que partiu e o compartilhamento do sofrimento entre os seus próximos, afetando o trabalho do luto.

Palavras Chave: pandemia de COVID-19, luto e Antígona

Apresentação: <https://youtu.be/ijXGOpB3dyw>

Referências bibliográficas:

BRASIL. Ministério da Saúde. **Manejo de corpos no contexto da doença causada pelo coronavírus Sars-CoV-2 – Covid-19**. Brasília : Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Análise em Saúde e Doenças não Transmissíveis. 2020. Disponível em: [://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/publicacoes-tecnicas/recomendacoes/manejo-de-corpos-no-contexto-da-covid-19](https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/publicacoes-tecnicas/recomendacoes/manejo-de-corpos-no-contexto-da-covid-19). Acesso em: 06 ago. 2021.

FREUD, S. Luto e melancolia [1917]. In: IANNINI, G.; TAVARES, P. H. (orgs.), **Obras Incompletas de Sigmund Freud - Neurose, psicose e perversão**. Tradução Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LACAN, J. **O seminário**, livro 6: O desejo e sua interpretação [1958-1959]. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2016.

LACAN, J. **O seminário**, livro 7: A ética da psicanálise [1959-1960]. Tradução Antonio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

SÓFOCLES. Antígona [441 a.C.]. In: SÓFOCLES, **A trilogia tebana**. Tradução Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

VERNANT, J.-P. **Mito e religião na Grécia Antiga** [1990]. Tradução Joana Angélica D'ávila Melo. São Paulo: Martins Fontes, 2009.



A morte e o luto como tema de Rodas de Conversa - uma experiência dentro de um Centro de Convivência Virtual

Maria Gabriela Mariano Machado¹, Beatriz Fernandes de Souza², Juliana Akemi Nishi², Luana Papelbaum Micmacher², Cristal Moniz de Aragão²

¹Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (mariagabsmm@gmail.com)

²Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo:

O Projeto de Extensão Saúde e Território, inserido no Programa de Extensão Saúde e Cuidado na Atenção Primária da UFRJ, desenvolve Rodas de Conversa dentro do Centro de Convivência Virtual da Fiocruz (em parceria entre Centros de Convivência do estado do Rio de Janeiro, Fiocruz, IFRJ e UFRJ). As Rodas de Conversa objetivam promover o diálogo, produzir troca de conhecimentos, estimular reflexão crítica, escuta sensível e compartilhamento de experiências da vida cotidiana; possibilitando a construção de um espaço de acolhimento emancipatório.

Com a chegada da Pandemia de COVID-19 no Brasil, fomos submetidos à perda de vidas em massa e, consequentemente, ao processo do luto. Esse momento nos atravessou subjetivamente, nos impondo a perda do outro e também de nós mesmos, sujeitos impedidos de circular livremente, desfrutar da presença de amigos e familiares, dar continuidade a projetos traçados a longos tempos ou, até mesmo, de realizar os rituais de despedida daqueles que nos são caros ou estão em eminência de morte (Dantas et al, 2020).

Desta maneira, o Projeto de Extensão Saúde e Território escolheu realizar Rodas de Conversa, remotamente, sobre o luto e a finitude da vida junto aos conviventes do Centro de Convivência Virtual da Fiocruz. A Roda de Conversa, filiada à pedagogia crítica de Paulo Freire (Sampaio, 2014), onde a conversa flui como estratégia política libertadora, favorecendo a emancipação, foi utilizada como metodologia junto aos conviventes do Centro de Convivência Virtual da Fiocruz de abril a julho de 2021, em encontros quinzenais com duas horas cada.

Iniciamos com um acolhimento, propondo um momento de autopercepção corporal, através de um trabalho de relaxamento. Em seguida, apresentamos um vídeo da performance Lamentation,

da bailarina e coreógrafa Martha Graham (MARQUES, 2007); lemos uma homenagem, do Memorial dos Inumeráveis (INUMERÁVEIS, 2020) — memorial virtual dedicado às vítimas do coronavírus no Brasil; seguindo para uma conversa sobre o período da pandemia de COVID-19, iniciado em março de 2020 no Brasil.

Em seguida, sugerimos que compartilhassem a memória de alguma pessoa falecida e importante em suas vidas, evocando a atemporalidade da memória como registro do afeto. Também propomos que imaginassem como seriam lembrados após sua própria morte, nas suas características marcantes, que seriam perpetuadas. A Roda aconteceu com entusiasmo, sinalizando grande necessidade de se falar sobre o tema. Após a conclusão da Roda de Conversa, a equipe descreveu suas percepções em um diário de campo, no formato de relato de experiência.

Durante a condução da Roda de Conversa, notamos não só a profundidade do tema, como também as múltiplas facetas às quais ele pode ser abordado: i) como a percepção de que a pandemia de COVID-19 tornava o luto um fenômeno coletivo; ii) como a dor da perda de familiares ou pessoas próximas predisponha ao acolhimento; iii) como era urgente a construção de uma rede de apoio para lidar com processos de enlutamento; iv) ou como a ausência de uma coordenação única do Estado no manejo da vacinação causou mortes que poderiam ter sido evitadas.

O tema da morte e do luto sendo abordados remotamente, durante a pandemia de COVID-19, com um grupo de pessoas do Centro de Convivência, composto majoritariamente por mulheres idosas; nos trouxe uma certa percepção sobre como estamos no mundo e como nos afetamos com e a partir dele. Entre os diversos relatos que fizemos sobre a nossa vivência na Roda de Conversa, prevaleceu uma narrativa de tristeza frente à finitude e à fragilidade de nossas próprias vidas. A morte é certamente um assunto que não gostamos de tocar. É como se ao falarmos dela, nos aproximássemos do seu dia. E quando a morte é de um outro, preferimos também não dizer, porque é como se tentássemos esquecer dessa dor a presentificando como inexistente; mas do mesmo modo que Arantes (2017) escreve que a morte é um dia que vale a pena viver, falar sobre ela nos trouxe novas percepções sobre os sentidos do mundo em nós.

Palavras Chave: luto, centros de convivência e atenção básica.

Apresentação: https://youtu.be/Q11XUpqX_WA

Referências bibliográficas:

ARANTES, Ana Claudia. **A morte é um dia que vale a pena viver:** E um excelente motivo para se buscar um novo olhar para a vida. 1. ed. rev. São Paulo: Sextante, 2017. 192 p. v. 1. ISBN 978-8543107202.

DANTAS, Clarissa de Rosalmeida et al. O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental** [online]. 2020, v. 23, n. 3],

pp. 509-533. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1415-4714.2020v23n3p509.5>. Acesso em 18 Ago 2021.

INUMERÁVEIS. **Inumeráveis: memorial dedicado à história de cada uma das vítimas do coronavírus no Brasil**, 2020. Página inicial. Disponível em: <<https://inumeraveis.com.br/>>. Acesso em: 01, set. 2021.

LYMAN, Peggy (Intérprete). **Lamentation**. Produção: Arthur Marques, 2007. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xgf3xgbKYko&ab_channel=ArthurMarques. Acesso em: 1 set. 2021.

SAMPAIO, Juliana; SANTOS, G.C.; AGOSTINI, M.; SALVADOR, A.S. Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. São Paulo: **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**. 18 Supl. 2; DOI: 10.1590/1807-57622013.0264; 2014.

Lutar Sempre: reflexão sobre a dimensão política das questões de saúde coletiva

https://youtube.com/playlist?list=PLm_1tG6kFbKOo5Z33cDnTIdlAl6vEMiuX



Crise Elétrica e Pandemia: A saúde Pública no Estado do Amapá

Tiago Borges Santiago¹, Bruna Pires dos Santos²

¹COPPE/UFRJ, mestrado em planejamento energético (tiago.santiago@ppe.ufrj.br)

²COPPE/UFRJ

Resumo:

Este texto objetiva analisar e refletir sobre o apagão elétrico ocorrido no final de 2020 no Amapá, suas consequências na saúde pública, identificar a deficiência no planejamento energético da região e como o evento potencializou os danos causados pela pandemia, em especial para o Hospital da Mulher Mãe Luzia, localizado em Macapá, capital do Amapá. O trabalho está estruturado em quatro partes: a primeira consiste nesta introdução, a segunda versa sobre a metodologia utilizada na pesquisa, a terceira aborda a discussão sobre o assunto e os resultados obtidos e a quarta traz a conclusão do resumo.

Em novembro de 2020, o Estado do Amapá sofreu um apagão elétrico devido a fortes tempestades que atingiram a região. Tal fato evidenciou problemas estruturais ligados a geração e transmissão de energia elétrica; agravou a situação da pandemia, pois prejudicou acesso a serviços essenciais e afetou os tratamentos e atendimentos hospitalares.

O Hospital da Mulher Mãe Luzia foi objeto de estudo deste resumo para analisar os danos sofridos na instituição de saúde pública coletiva em virtude da falta de planejamento energético regional e do estado pandêmico instaurado pela COVID-19, bem como servir de apelo para valorização da vida por parte dos entes públicos.

Conforme Gressler (2007), a metodologia se preocupa com a forma de captação e manipulação da realidade, indagando a comprovação da cientificidade daquilo que se diz científico. Dessa forma, entende-se a metodologia como a explicação das ações a serem desenvolvidas em uma pesquisa, definindo métodos que auxiliem no alcance dos objetivos do estudo.

De acordo com a estrutura defendida por Vergara (2000, p.46), o trabalho terá como suporte os seguintes tipos de pesquisas: i) pesquisa bibliográfica, levantamento de material necessário para

compreensão do assunto; ii) pesquisa documental, utilização de material publicado em jornais e sites de grande vulto que abordaram os acontecimentos do estudo de caso; e iii) estudo de caso, apresentação do Hospital Mãe Luiza como ponto focal; passando a ser objeto de análise e correlação com as outras etapas da pesquisa

O Amapá faz parte do Sistema Elétrico Brasileiro, cuja implantação, operação e gestão da rede, também chamada de rede básica, fica a cargo de entidades de geração e transmissão, sendo o planejamento de responsabilidade da Empresa de Pesquisas Energéticas (EPE). A parte de operacionalização do sistema é prerrogativa do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS) e a regulação e fiscalização do setor elétrico são da Autarquia Agência Nacional de Energia Elétrica - ANEEL (CORREA; PORTO, 2019).

Nesse viés, foi analisada a situação do Hospital da Mulher Mãe Luiza. Com o setor de relações públicas da entidade, foi coletada a seguinte informação: a instituição de saúde ficou sem energia e não tinha geradores para manutenção da energia elétrica, contrariando o ato normativo executado pela ANVISA e pelo Ministério da Saúde (2001).

A situação da pandemia exigiu uma rígida política de controle, prevenção e práticas de profilaxia por parte das unidades hospitalares. Todavia, os 21 (vinte e um) dias de apagão levou o hospital a cortar comunicações entre pacientes e familiares para preservar a segurança dos enfermos. Corpos dividiam espaço com pessoas em tratamento, por não haver estrutura adequada para conservação de cadáveres, tornando a situação dos profissionais, familiares e pessoas em tratamentos mais delicada e vulnerável para contrair COVID e outras doenças hospitalares.

Ainda a despeito da precarização vivida pelo hospital advinda da falta de luz, combinada com a crise da pandemia, houve registro de casos de partos feitos com luz dos celulares; as geladeiras responsáveis por conservar insulina descongelaram e causaram um pico nas crises de diabetes; foram registradas também denúncias por morte devido à falta de funcionamento das máquinas de hemodiálise.

O Hospital Mãe Luiza foi um caso de precarização do acesso à saúde, de descaso com os profissionais hospitalares e um desleixo com a sociedade. É essencial a ação proativa e políticas públicas eficazes no combate ao coronavírus. Ao analisar a estrutura e a governança do setor elétrico Brasileiro, constatou-se um robusto processo com normas e procedimentos. Deduz-se que a crise elétrica vivenciada no Amapá foi pautada pela falta de atendimento a regulamentos, normas e falta de fiscalização dos órgãos competentes.

Somam-se aos mortos de COVID-19, os mortos do Hospital Mãe Luiza e tantos outros hospitais, decorrência da crise elétrica evidenciada pelo apagão. Um triste fato que escancara as falhas no planejamento energético, aliado à falta de planejamento para enfrentamento da COVID-19. Políticas públicas e ações governamentais foram negligenciadas, vidas foram levadas, e ainda está longe do

governo e dos órgãos públicos resolverem os problemas apontados e melhorar o acesso à saúde e atendimento à população. Lembrando que o direito à vida é constitucional, mas parece estar fora de pauta no enfrentamento da pandemia no estado do Amapá.

Palavras Chave: planejamento energético, saúde pública e pandemia

Apresentação: <https://youtu.be/TXKuulgx17k>

Referências bibliográficas:

CORRÊA, K. M. A; PORTO, J. L. R. Integração energética e desenvolvimento regional no Amapá. Macapá 2019. **Revista brasileira de desenvolvimento regional**, PPGDR/UNIVERSIDADE REGIONAL DE BLUMENAU, 2019.

Jornal da USP. Apagão no Amapá expõe fragilidade no fornecimento de energia. **Jornal da USP**, Caderno Atualidades, Campus Ribeirão Preto, <https://jornal.usp.br/?p=372317>, 27/11/2020. Disponível em <https://jornal.usp.br/atualidades/apagao-no-amapa-expoe-fragilidade-no-fornecimento-de-energia/>; acesso em 31 de agosto de 2021.

GRESSLER, Lori Alice. Pesquisa e ciência: noções introdutórias. In: _____. **Introdução à pesquisa: projetos e relatórios**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2007. p. 23-40.

Ministério da Saúde. **PORTARIA Nº 783**, DE 28 DE MAIO DE 2001, Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2001/prt0783_28_05_2001.html.

VERGARA, Sylvia C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3.ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2000.

IV Seminário
Setembro Amarelo
20 a 24 de Setembro

Da Luto
à Luta

Chamada para trabalhos

Até 30/08

Com publicação de Anais

- Políticas Públicas / Vigilância em saúde e suicídio
- Isolamento e suas diversas proporções na pandemia
- Valor da vida
- Luto
- Lutar sempre

www.even3.com.br/dolutoaluta/

